
**“Como Eu Era Antes de Você”
Sob a Ótica do Capacitismo e da Análise Crítica da Narrativa ¹**

Isabela Messeder FIALHO ²
Paulo Leite de MESQUITA³
Kelly Tatiane Martins QUIRINO ⁴
Universidade de Brasília, DF

RESUMO

Este artigo busca analisar, sob a ótica do capacitismo e com base na proposta da Análise Crítica da Narrativa de Luiz Gonzaga Motta (2013), o filme “Como Eu Era Antes de Você” de forma a mostrar como uma obra audiovisual, por meio de sua narrativa, imagens e diálogos, pode romancear estereótipos e preconceitos de forma a mantê-los em nossa sociedade sob um disfarce de amor ou falta de opção de vida. A partir da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (1977) também foram criadas categorias sobre as formas de capacitismo que aparecem no filme: Incômodo, Tragédia, Limitações na Perspectiva de Vida, Desumanização e Negação. Propõe, por fim, que a mídia seja mais inclusiva e que represente a população na sua totalidade, dando voz a diferentes histórias, mas com responsabilidade e sem reforçar estereótipos como é o caso do filme analisado.

PALAVRAS-CHAVE: capacitismo; pessoas com deficiência; audiovisual; análise da narrativa

1) Representações Sociais de Pessoas com Deficiência

A sociedade sempre se pautou pela representação do que é considerado belo. A beleza sempre foi um ponto de debate, principalmente no campo da arte e estética, na sociedade. Na Antiguidade Clássica, por exemplo, a beleza era diretamente relacionada à moralidade da alma. Para Aristóteles, a beleza está na proporção, na simetria, na ordem, na justa medida. Atualmente, Han (2019, p.07) trata beleza como o “liso”. Algo que não

¹ Trabalho apresentado no IJ06 – Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Bacharel em Publicidade pelo Centro Universitário de Brasília – Uniceub, Bacharel em Comunicação Organizacional pela FAC-UnB em dezembro de 2019, email: belamfialho@gmail.com

³ Pós-graduado em docência para o Ensino Superior pelo Centro Universitário de Brasília – Uniceub, Bacharel em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo pelo Instituto de Educação Superior de Brasília – IESB, Bacharel em Comunicação Organizacional pela FAC-UnB em dezembro de 2019, email: plmesquita@gmail.com

⁴ Professora orientadora deste artigo. Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília, Mestre em Comunicação Midiática e Bacharel em Comunicação Social – habilitação em jornalismo pela Universidade Estadual Paulista – câmpus Bauru. Professora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília – FAC-UnB. E-mail kellytatianemartins@gmail.com

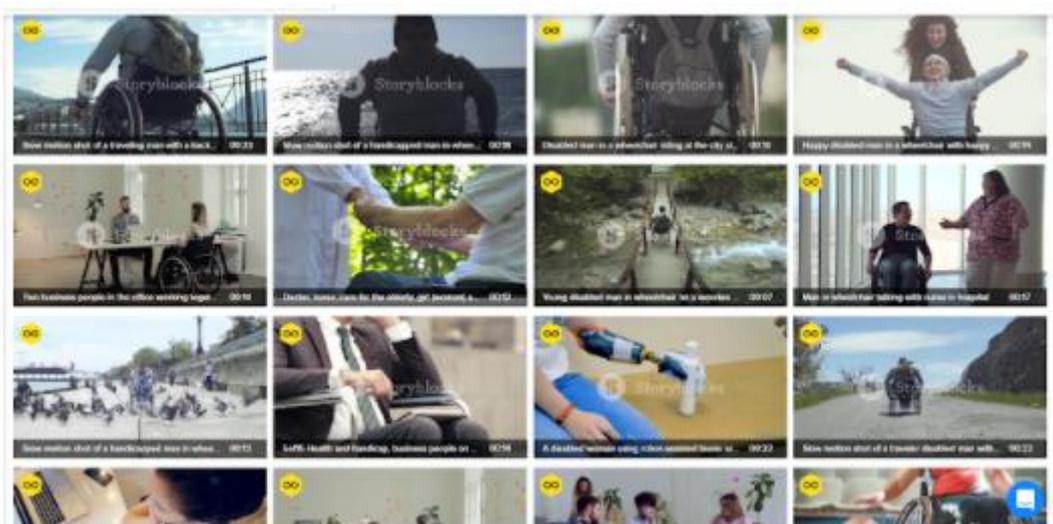
oferece resistência, não quebra. Neste sentido, as representações visuais de pessoas se deram, ao longo do tempo, de formas diferentes, mas sempre buscando a perfeição máxima dos corpos, sejam em pinturas, esculturas, fotografias ou outras formas de arte. Assim, Pessoas Com Deficiência (PCDs), entre outros grupos minoritários, sempre estiveram em um segundo plano nestas representações. E, quando feitas, acabaram sendo de forma estereotipadas, que reduzem este público a uma, ou poucas, características que os distinguem.

A representação de PCDs é comumente associada a imagens de depressão, pena ou, no melhor dos casos, superação. Não é comum vermos representações na mídia de PCDs vivendo e populando o mundo de uma forma natural e real, vivenciando toda a gama de experiências de uma vida, mas apenas ao fato de estarem, por exemplo, em uma cadeira de rodas.

De acordo Serge Moscovici (2012), o conceito de representação social foi criado para tomar uma posição mista, para fazer um elo entre variados conceitos sociológicos e uma série de conceitos psicológicos. Assim, as representações sociais são, para Moscovici, coletivas, sendo impostas às pessoas por conta da organização da sociedade. São imagens dos nossos conceitos pessoais, interiores, presentes em cada indivíduo, mas com características que possibilitam serem chamadas de sociais. São três as características apontadas por Moscovici (2012, p. 74-75). A primeira é o fato de serem expressas por grupos sociais. A segunda está relacionada com o processo de produção. Qualificar uma representação social significa considerar que ela é elaborada coletivamente. A terceira está relacionada à funcionalidade: as representações são sociais porque auxiliam nos processos de formação dos comportamentos e de orientação das comunicações sociais.

Uma simples pesquisa realizada pelo termo *disabled* em um site popular de vídeos *stock*, produto comumente utilizado em anúncios e diversas obras audiovisuais, podemos perceber esta questão.

Figura 1 – Resultado da pesquisa *disabled* no site *storyblocks.com*



Fonte: https://www.videoblocks.com/videos/DISABLED?search-origin=search_bar⁵

A primeira página da pesquisa evidencia que as pessoas não são retratadas como pessoas, uma vez que não vemos seus rostos. Há sempre a representação primeira da cadeira de rodas ou da deficiência, acima do ser humano. Também se percebe uma série de situações dramáticas ou absurdas que mostram, claramente, a presença de uma dificuldade a ser superada, como o exemplo de um cadeirante tendo que atravessar uma frágil e estreita ponte de madeira em cima de um desfiladeiro.

O ponto não é que devemos ignorar o fato de haverem diferentes deficiências com suas adaptações particulares, mas fazer disso o ponto central de toda e qualquer narrativa que envolva uma PCD, é uma comunicação extremamente agressiva. Representações que ignoram as necessidades de uma PCD é algo muito perigoso, como escreve Lydia Brown para a *Autistic Hoya* sobre o “mito da independência”:

É presumido, para nós, que a meta de nossas vidas é ter o máximo de independência possível com o menor número de apoios possíveis, incluindo acomodações e serviços. Porém, não há nada moralmente errado ou inerentemente ofensivo em se viver interdependentemente, com colegas deficientes ou aliados não deficientes. (Brown, disponível em <https://www.autistichoya.com/2012/08/privilege-and-myth-of-independence.html>, acesso em 23/09/2020)

⁵ Consultado em 26/09/2020

No âmbito legal brasileiro, a pessoa com deficiência é aquela que foge dos padrões “normais” da população, ou seja, está na pessoa e não no meio em que convive (BRASIL,1989). Essas visões espelham o comportamento da sociedade. O deficiente é visto como um sujeito “anormal” ao fugir dos padrões da população. O mundo foi projetado para uma certa forma, um certo padrão, e acreditar que adaptações não são necessárias para diferentes deficiências é um desrespeito. Ter uma deficiência é uma identidade, e não algo a ser superado. Falar sobre deficiência não é só sobre limitações e sim sobre novas possibilidades.

Identidade, para Castells (2008) é compreendida como “fonte de significado e experiência de um povo”. São nomes, idiomas, culturas que representam distinção entre o eu e o outro. Ele afirma que não nascemos com uma identidade, mas sim o fato de a identidade ser uma construção social.

Não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para que isso acontece. A construção de identidades vale-se da matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, e pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. (Castells, 2008, p.23)

É importante ressaltar também o conceito de lugar de fala, já que este artigo se baseia, também, na experiência de um dos autores, Isabela Fialho, que por um erro médico perdeu os movimentos das pernas.

Com isso, possui o lugar de fala, que segundo Djamila Ribeiro (2017) é importante por:

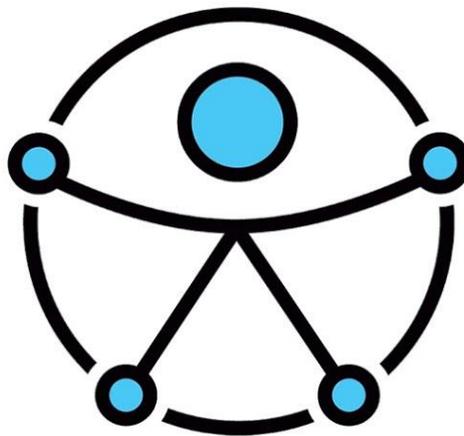
Assim, entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de locus social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados. (RIBEIRO, 2017, p. 47)

Ou seja, o lugar de fala é a posição em que o indivíduo se encontra na sociedade. Todo mundo possui um lugar de fala, independentemente de pertencer a algum grupo

historicamente excluído ou não. Deve-se evitar que uma pessoa em posição privilegiada fale por outra, sem ter as vivências daquela pessoa/grupo.

Em termos práticos, uma pessoa que não possui deficiência não deve falar por outra que a tenha e, se for indispensável fazê-lo, deve consultar alguém com essa vivência. Mas não isenta ou exclui a necessidade de debate de toda sociedade. Foram as experiências como cadeirante que mostraram a importância e relevância deste trabalho. Por isso, falar de representatividade, de caracterização e estereótipo é muito delicado, até a ONU, em 2015, mudou o símbolo da pessoa com deficiência para tratar sobre todos os espectros e não só caracterizar com o cadeirante.

Figura 2 – Novo símbolo da deficiência criado pela ONU.



Fonte: <https://www.un.org/accessibilitycentre/>⁶

2) Capacitismo – uma categoria mental que vê a pessoa deficiente como não igual

Ao se tratar de representação, é necessário tratar sobre capacitismo. Capacitismo é tradução do termo inglês *ableism*, significa a opressão e discriminação contra a pessoa com deficiência. Fiona Campbell (2008; 2001, 44) define como uma rede de crenças, processos e práticas que produzem um tipo particular de sujeito e corpo que é normativamente projetado como o perfeito e típico da espécie e, portanto, como o que é essencial e totalmente humano. Conseqüentemente, a deficiência é interpretada como condição desvalorizada do ser humano.

A lógica capacitista se caracteriza como uma mentalidade que lê a pessoa com deficiência como não igual, incapaz e inapta tanto para o trabalho quanto para, até mesmo,

⁶ Consultado em 10/10/2020

cuidar da própria vida e tomar as próprias decisões enquanto sujeito autônomo e independente, como por exemplo, fazer atividades do cotidiano, ter vida sexual e social ativa.

Para que o capacitismo não impeça as pessoas com deficiência de serem excluídas de seus direitos por suas condições mentais ou físicas, existem leis que visam garantir os mesmos direitos básicos citados, uma delas é a Lei nº 13.146, que garante:

É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. (BRASIL, 2015)

Assim, este artigo pretende analisar o filme “Como Eu Era Antes de Você”, sob a ótica do capacitismo impetrado à personagem Will Traynor, um jovem que sofreu um acidente e ficou tetraplégico.

As representações sobre as possibilidades de vida desta personagem, seus dramas, contradições e desejos mostram como a visão romanceada de uma história pode ser extremamente prejudicial a todo um grupo de pessoas.

3) Metodologia

A análise do filme “Como Eu Era Antes de Você” será feita a partir da perspectiva de análise da narrativa de Luiz Gonzaga Motta em seu *Análise Crítica da Narrativa* (2013). Motta revela a necessidade e a importância de estudar e compreender as narrativas, uma vez que elas mostram a forma como o mundo se expressa e se manifesta de forma simbólica. Gonzaga Motta descortina a narrativa como um dispositivo de poder, sedução, envolvimento, persuasão e argumentação. Assim, com base no conceito de capacitismo apresentado, a ideia é mostrar como a narrativa do filme mencionado leva o espectador a romancear uma situação de morte em que a personagem com deficiência, aparentemente, não tem outra escolha na vida se não a eutanásia.

Quando trata dos “Procedimentos operacionais de análise pragmática”, Gonzaga Motta (2013) deixa claro que o caminho da interpretação e da pesquisa empírica depende das categorias, recursos e instâncias discursivas e de linguagem que a análise busca observar e destacar. É necessário entender a situação narrativa, as personagens, o enredo, os pontos de virada e a trama que envolvem os produtos, sejam eles um filme, reportagem, conto, quadrinhos, entre outros, além de perceber as representações sociais, os

estereótipos, os jogos de linguagem, metáforas, os heróis, antagonistas, os significados morais, éticos e simbólicos.

Na análise do processo comunicativo, é preciso considerar se os efeitos, sejam eles intencionais ou não, foram efetivos ou falharam. Também deve-se levar em conta se as estratégias discursivas e argumentativas alcançaram as intenções pretendidas, assim como perceber o conflito e o contexto histórico envolvido, além de outros aspectos, como o lugar de fala e a identidade dos interlocutores.

Além da Análise Crítica da Narrativa, será utilizado a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (1977) para criar categorias sobre as formas de capacitismo que aparecem no filme. A Análise de Conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p.42)

A união das duas análises vai permitir compreender a narrativa construída no filme e a partir dos resultados criar categorias por meio das inferências relativas ao conceito de capacitismo.

4) Análise do Filme – Como Eu Era Antes de Você

O filme “Como Eu Era Antes de Você” foi produzido em parceria pela New Line Cinema, pela Metro-Goldwyn-Mayer Pictures e pela Warner Bros, lançado nos Estados Unidos e também no Brasil no ano de 2016, alcançou mais de US\$200 milhões de bilheteria no mundo inteiro. Na ocasião a crítica de cinema brasileira o avaliou como “um romance que segue protocolos, mas evita clichês”. Um dos maiores portais de cultura do país, o Omelete (2016), diz sobre o filme:

A história pode ser idealizada, como todos os romances “água com açúcar”, mas o senso de humor mantém seus pés na realidade. Os personagens são tratados com carinho, não reverência. E ainda que o amor seja o foco, o sentimento não é tratado como a solução de todos os problemas. Como o próprio título aponta, amar transforma, mas não define. É uma parte essencial, não o todo.⁷

⁷ Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/criticas/como-eu-era-antes-de-voce-critica>. Acesso em 11/10/2020.

A partir de agora falaremos do enredo do filme e sua construção narrativa. O protagonista do filme “Como Eu Era Antes de Você” é um jovem muito rico, Will, que sofreu um acidente de moto e ficou tetraplégico. Com isso, ficou uma pessoa ranzinza, sempre de mau humor e triste que quer praticar a eutanásia para aliviar seu sofrimento. A trama do longa revela a chegada de uma cuidadora, Louisa, que faz de tudo por ele, porque existe um combinado entre Will e os pais de que se em seis meses ele melhorasse, se parasse de sentir toda essa carga negativa, não cometeria a eutanásia.

Acontece que ele se apaixona pela cuidadora e vice-versa. Vivem uma história linda, o rapaz deixa de ser ranzinza, passa a ser feliz, estava sempre com um sorriso no rosto. Mas isso não foi o bastante. Ele resolve depois dos seis meses se matar. Ou seja, a mensagem passada pelo filme, do ponto de vista capacitista é que o fato dele ter se tornado deficiente é muito maior do que a felicidade dele. Ele não poderia ser feliz, não conseguiria viver uma vida boa simplesmente pelo fato de ser uma pessoa com deficiência.

Baseado na Análise Crítica da Narrativa proposta pelo professor Luiz Gonzaga Motta (2013), vamos, a seguir, detalhar alguns momentos do filme que constroem essa narrativa capacitista. Segundo Motta (2013):

O caminho da fenomenologia permite não apenas compreender os ajustes lógicos do discurso narrativo em resposta aos desejos e intenções da situação comunicativa, mas permite também aceder à sua significação integral e ao sentido dessa significação no contexto social e histórico. (p.123)

Assim, vamos tentar perceber este contexto social e histórico que levam a personagem Will ao conceito capacitista. Luiz Gonzaga Motta frisa que fazer a análise da narrativa é importante para:

Observar a coconstrução de significações na comunicação narrativa. Analisar como as pessoas compreendem, representam e constituem argumentativamente o mundo através dos atos de fala narrativos intersubjetivos. Observar de que maneira a comunicação narrativa produz significações através da construção de acontecimentos - intriga, estórias, tramas e dramas, contos, filmes, videoclipes, biografias, diários - relatados cotidianamente em todas as geografias e culturas, através de todos os tipos de meios. (p.129-130)

Por isso, será importante desconstruir a narrativa mostrada no filme. Nela, o narrador tenta levar a história para um sentido de romance, de beleza na vida e de possibilidade de escolhas dos caminhos. Esta visão, no entanto, se mostra preconceituosa para com as pessoas com deficiência, uma vez que o seu único fim é não viver.

Esta desconstrução é necessária tendo em vista que Motta diz que:

... há um... contrato cognitivo entre emissor e destinatário pelo qual o narrador procura garantir a adesão de seu interlocutor destinatário em seu ato de fala. Para que isso ocorra, além de um código (ou idioma) comum, narrador e leitor precisam compartilhar o que alguns autores chamam de contexto extraverbal, que inclui contexto físico (coisas que estão à vista), contexto empírico (estado de coisas que conhecem aqueles que falam, ainda que não estejam à vista), contexto prático (conjuntura objetiva na qual se desenvolve o ato comunicativo), contexto histórico (circunstâncias históricas conhecidas dos falantes) e, enfim, um contexto cultural (tradição e cultura de uma comunidade ou sociedade). (p.129)

Assim, o contexto extraverbal da sociedade como um todo já traz uma série das características requeridas pelo narrador. Somos uma sociedade capacitista, que enxerga a pessoa com deficiência com dó - característica que se insere no contexto cultural. Somos uma sociedade que historicamente menosprezou e excluiu a pessoa com deficiência - característica que se insere no contexto histórico; e, ainda que não vivenciamos o dia a dia de uma pessoa com deficiência temos conceitos formados sobre como agir em relação a isso, como ajudar uma dessas pessoas e/ou o que não fazer, ainda que sejam atitudes e atividades totalmente erradas - características estas que se enquadram nos contextos físico, empírico e prático.

Indo para o desenrolar do filme, em seu início, ele mostra a vida de Louisa, suas dificuldades em ser uma jovem em uma cidade pequena que não abarca seus sonhos. Seu relacionamento com o namorado, obcecado por corrida, também é exposto. Ela é demitida do emprego que tinha em uma cafeteria e passa a sofrer a dificuldade de morar com os pais e não poder ajudar em casa.

Chega, então a oferta de trabalho como cuidadora de Will. Ela não tem nenhuma experiência na área e é recebida em um ambiente hostil para sua primeira entrevista.

O início da jornada entre Louisa e Will é recheado de problemas, confusões, emburramentos e ofensas. Artimanhas esclarecidas por Motta quando diz que “roteiristas são hábeis estrategistas no emprego dos recursos da linguagem multimodal do cinema

(visual, sonora e verbal) a fim de produzir mudanças de estado de espírito nos seus interlocutores, a audiência” (p.136). O clima de conflito entre as duas personagens é criado para dar espaço à chegada da paixão. Como consequência, bons momentos são vividos entre Will e Louisa, que levam a crer no prosseguimento do romance e da vida de Will. No entanto, o capacitismo se coloca mais forte e o fim é dado com a eutanásia do protagonista.

4.1) Categorias do capacitismo a partir da análise do filme

A eutanásia é o fechamento da narrativa do filme “Como Eu Era Antes de Você”. Para o personagem Will viver uma vida como tetraplégico não o fazia feliz. Durante a construção da narrativa, em vários momentos, o conceito de capacitismo aparece para ratificar a escolha pela eutanásia.

Neste ponto é que será recorrido a Bardin (1977) para criar categorias por meio dos fatos e mensagens veiculadas no filme e diretamente relacionadas com o capacitismo. Ressaltamos aqui algumas cenas e falas que destacam essa lógica e as categorias criadas pelos autores deste artigo:

Categoria Incômodo: A pessoa com deficiência incomoda diante de um mundo que normaliza os corpos. Todavia, a deficiência não é uma escolha, não pode ser encarada como algo que as pessoas se incomodam ou não.

Exemplo - Quando a mãe do personagem principal entrevista a possível cuidadora para o filho e pergunta se ela se incomoda com a tetraplegia.

Categoria Tragédia – Para a pessoa que nasce apta e se torna deficiente, a nova condição é vista pelo prisma da tragédia. Como se a vida não fizesse mais sentido.

Exemplo- O fato de a personagem principal preferir a morte a viver sendo tetraplégico, que retoma o que foi dito por Gonzaga Motta quando diz que um narrador, utilizando-se da comunicação narrativa, usa recursos de linguagem para “atrair, seduzir, persuadir, convencer, obter resultados, efeitos de sentido, satisfazer a um desejo e a um projeto discursivo do narrador”. (p.147)

Categoria – Limitações na Perspectiva de Vida- A ideia de que uma pessoa com deficiência não possa ter uma vida com sonhos, perspectivas e metas é uma violência que as aprisiona impedindo que criem uma identidade positiva sobre ser deficiente.

Exemplo - Quando o Will comenta com sua cuidadora que ela deve achar horrível o fato de ele ter vivido uma vida maravilhosa e acabar “desse jeito”: a vida não acabou, a perspectiva muda, mas ainda há muito que se possa fazer.

Categoria – Desumanização – O capacitismo desumaniza as pessoas com deficiência, tornando-as deficientes e não homens ou mulheres. Exclui destas pessoas a condição humana.

Exemplo - Will sai de um concerto de música clássica e diz para Louise que não queria sair do carro, que gostaria de ser só um homem que saiu com uma garota de vestido vermelho: ele é um homem com uma garota, a deficiência não muda quem ele é.

Categoria Negação – O capacitismo pode gerar nas pessoas com deficiência uma negação impedindo uma construção positiva de identidade e as colocando no lugar da inferioridade, subalternidade e impedindo de viver uma vida plena e feliz.

Exemplo - Em um diálogo entre Will e Louise, em que ele fala que mesmo vivendo momentos incríveis, não sente que vale a pena viver. A fala exata é: “Eu entendo que pode ser uma vida boa, mas não é a minha vida. Eu amava minha vida. Eu não posso ser o tipo de homem que apenas aceita.”: esse negacionismo, não aceitação e discurso, reforça o pensamento de que pessoas com deficiência não são capazes, são inferiores e não há nada que se possa fazer.

Assim, pode-se afirmar o filme possui uma lógica capacitista quando o protagonista, mesmo depois de ter reencontrado a felicidade, opta pela eutanásia por ter adquirido uma deficiência depois de um acidente. A mensagem que fica do filme é que por ser deficiente, ele não pode ser plenamente feliz, que não vale a pena viver e reforça essa lógica capacitista de incapacidade, que tantas pessoas com deficiência tentam combater.

5) Considerações Finais

A partir da análise do filme, levando em conta o conceito de capacitismo e a teoria da Análise Crítica da Narrativa de Gonzaga Motta, evidencia-se pelas cenas analisadas e comentadas pelos conceitos apresentados, que o filme apresenta uma visão altamente capacitista da vida da personagem principal.

Uma das autoras, Isabela Fialho, assim como a personagem principal do filme, possui uma deficiência motora, adquirida após sofrer dois erros médicos e ficar paralisada da

cintura para baixo. Do dia para a noite começou a vivenciar uma nova realidade, a da pessoa com deficiência. Assim, a partir do seu lugar de fala e da sua profissão como comunicóloga, começou a ter um novo olhar sobre as representações das pessoas com deficiência na mídia. A crítica ao filme surge dessa perspectiva, a partir de sua vivência, estudos e experiência.

É a partir desse olhar que a autora percebeu como que a mídia tem o fundamental papel de ser inclusiva e de representar a população na sua totalidade, dando voz a diferentes histórias, mas com responsabilidade e sem reforçar estereótipos como é o caso do filme analisado. É o que citam Brunner e Catalán (1995, p. 94) sobre a mídia quando dizem que “não nos dizem o que pensar, mas sobre o que pensar”. Ou seja, com isso ela tem o papel de ser democrática, não excluindo nenhum tipo de minoria, visando ter mais representatividade, já que constitui uma função tão importante na sociedade.

Com base nessa análise, Isabela escreveu um livro reportagem “Rodas para Voar” em que o papel é dar voz para diferentes pessoas, com diferentes deficiências e realidades. É justamente sobre desmistificar essa visão capacitista e mostrar que as pessoas com deficiência podem fazer o que quiserem. No livro, a autora conta a história de quatro deficientes que contam como é a sua realidade, o que eles fazem e provam que a maior dificuldade não é a deficiência em si, mas a visão capacitista da sociedade. Duas das quatro pessoas entrevistadas, possuem tetraplegia, assim como a personagem principal do filme, mas a narrativa é a extrema oposta. São pessoas com anseio por viver, felizes e que querem conquistar cada vez mais o seu espaço.

É preciso mostrar para a sociedade como é ser deficiente, mas não é só isso. Antes de serem deficientes, são pessoas. Pessoas que têm sentimentos bons, ruins, que choram por conta do namorado ou da briga com a mãe, que ficam bravas quando tiram nota baixa, que ficam no limite de paciência quando estão no ônibus lotado. Tem que falar sobre a vida normal, sobre tudo que fazem, que não seja levado para o ponto negativo, dramático ou de super heroísmo paralímpico. E nem tudo na vida de um deficiente é relacionado à deficiência em si.

O filme foca nas limitações da personagem, principalmente quando faz a comparação de como ele era antes do acidente, para como ficou, raros são os momentos em que mostram as suas possibilidades. É preciso representar com foco em suas perspectivas e habilidades e não apenas em suas deficiências. Mais que isso, buscar representações naturalizadas dessas pessoas, em ocasiões em que elas não sejam evidência (tanto de

forma negativa quanto positiva), que elas componham multidões e grupos, onde a deficiência não as defina e também não seja o foco. É necessário mostrar que são capazes, principalmente de serem felizes.

Há tanta diversidade entre as pessoas com deficiência quanto no mundo. São infinitudes de graus e tipos de deficiência, logo, também devem ser infinitas as representações. Pessoas que tem limitação auditiva ou visual são capazes de ter os outros sentidos mais apurados. Que sejam representados por suas possibilidades, seja um deficiente visual sendo músico ou um deficiente auditivo sendo chef de cozinha. O cadeirante pode estar num ambiente de trabalho, fazendo suas funções, como é corriqueiro para qualquer outra pessoa. Sem que se coloque uma carga dramática ou negativa e nem sempre de superação. Não existe vida exatamente igual à outra, vivemos em diferentes realidades e nem por isso essa diferença pode ser considerada “anormal” ou não digna de ser representada exatamente como é. E não é porque uma pessoa não anda ou não mexa os braços e mãos, que ela não merece viver, como é a mensagem que fica do filme.

Normalizar a pessoa com deficiência nas situações cotidianas é incluí-las. Mostrar que suas vidas são difíceis e impossíveis, como foi o caso do filme, é ser capacitista. Peças publicitárias (em suas mais diversas formas), roteiros de cinema e outras formas de campanha devem sempre incluir estas pessoas em seus elencos para que elas façam parte, naturalmente, da comunicação e, conseqüentemente, da vida das pessoas, vivendo naturalmente suas vidas, sem destaque para a deficiência, ou que ela seja um empecilho.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo. Ed. Ars Poética. 1993.

BRASIL. **Lei nº13.146 de 6 de julho de 2015**. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm> Acesso em 28 set. 2020.

BROWN, L. **Privilege and myth of independence**. Disponível em
<https://www.autistichoya.com/2012/08/privilege-and-myth-of-independence.html>

BRUNNER, José Joaquín; CATALÁN, Carlos. **Televisión, libertad, mercado y moral**. Chile: Editorial Los Andes, 1995.

CAMPBELL, Fiona Kumari (2008), “**Refusing Able(ness): A Preliminary Conversation about Ableism**”, *M/C Journal*, 11(3). Disponível em: <http://journal.media-culture.org.au/index.php/mcjournal/article/view/46>

CAMPBELL, Fiona Kumari (2001), “**Inciting Legal Fictions: Disability's Date with Ontology and the Ableist Body of the Law**”, *Griffith Law Review*, 10, pp. 42-62.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FIALHO, Isabela. **Rodas para voar**. Brasília, 2019.

FOCUS FEATURES. **Theory of everything**. Disponível em https://www.focusfeatures.com/the_theory_of_everything

HAN, Byung-Chul. **A salvação do belo** / Byung-Chul Han; Tradução de Gabriel Salvi Philipson. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

LEPRI, Carlos. **Viajantes Inesperados**. Campinas: Ed. Saberes, 2012.

MOSCOVICI, S. **Psicanálise, sua imagem e seu público**. Editora Vozes; 1ª Edição . 2012

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa** - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013

OMELETE. Como Eu Era Antes de Você | Crítica. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/criticas/como-eu-era-antes-de-voce-critica>. Acessado em 11/10/2020

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p. (Feminismos Plurais)

STORYBLOCKS. **Stock clips**. Disponível em https://www.storyblocks.com/images/disabled?search-origin=search_bar

TWITTER. **#SayTheWord**. Disponível em <https://twitter.com/hashtag/saytheword>